

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

VOO DELTA 523

História vivida por

E. E. CLEVELAND

— um dos secretários associados da Associação Pastoral da Conferência Geral

ESTAVA AINDA ESCURO e fazia um pouco de frio enquanto o carro corria velozmente na direcção do Aeroporto Internacional de Washington-Baltimore. Charles Meade, um amável obreiro da Conferência Geral, tinha-me ido buscar às cinco e meia da madrugada e conversávamos agora amigavelmente enquanto nos aproximávamos do nosso destino. Pouco havia para indicar a dificuldade que se avizinhava. Lembro-me, no entanto, de que, quando saí do automóvel, o irmão Meade me fitou por um momento com uma estranha expressão estampada no rosto. Não lhe atribuí nenhum significado senão horas mais tarde, naquele mesmo dia. Depois de lhe falar sobre o assunto descobri que ele próprio não sabia a razão por que o tinha feito. Era no entanto um prenúncio de algo que viria a acontecer.

Depois de me apresentar ao balcão da companhia Delta, dirigi-me à zona de embarque, junto à porta C. Era cedo, por isso sentei-me a ler o «Washington Post». As sete horas em ponto, o funcionário da Delta anunciou: — Senhoras e cavalheiros, o voo Delta 523 para Atlanta, Georgia, está pronto para embarque. É favor conservar os bilhetes na mão para serem apresentados ao agente. Muito obrigado. Esperamos que tenham um voo agradável!

Por alguma razão estranha, reagi muito lentamente naquele dia e encontrei-me em décimo

segundo lugar na fila para passar no detector de objectos metálicos (dispositivo de segurança contra assaltos aéreos) antes de entrar no avião. Nove pessoas já tinham sido examinadas e eu estava a olhar descuidadamente para o polícia, jovem e de bom aspecto, atarefado com o funcionamento do detector de objectos metálicos. Lembro-me de ter pensado em como lhe ficava bem o uniforme, bem passado a ferro, na atitude correcta que assumia e na atenção que dedicava ao seu trabalho. Desviei o olhar e, naquele instante, na posição de terceiro para passar no detector, apenas a três metros do jovem polícia, ouvi dois secos disparos de pistola. Voltei a olhar para o polícia e vi que ele caía, lentamente, sobre os joelhos. Tinha sido atingido na nuca por um assaltante que, como eu, estava interessado no voo Delta 523, mas por razões diferentes.

Observei aquele jovem — que mais tarde soube ter apenas 24 anos — enquanto se afundava lentamente e se enrolava ali a um canto. Vi a morte congelar-lhe no rosto a expressão de espanto e surpresa. Vi-lhe a cabeça tombar sobre os ombros. Não podia acreditar no que estava vendo. Disseram-me mais tarde que aquele jovem ia deixar o serviço dali a 45 minutos. Como poderia eu saber, quando o encarei às sete horas em ponto,

(Continua na pág. 4)

ACÇÃO 75 – Continuidade

Ao escrever estas linhas, ACÇÃO 75 está-se realizando na quase totalidade das nossas igrejas e vai na segunda semana.

Ao programarmos esta actividade para este ano, sei quantas interrogações pairaram na mente de nossos pastores e membros.

A grande pergunta era: Irá o público responder aos convites? Na realidade, as actuais circunstâncias socioeconómicas e políticas, que trazem toda a gente ocupada e preocupada, e todo o burburinho da passada campanha eleitoral com suas campanhas de elucidação e comícios, tornam natural essa pergunta.

De uma maneira geral, segundo os relatórios semanais, que chegaram até nós, podemos afirmar que Acção 75 está decorrendo de uma maneira que se pode considerar, mesmo em confrontação com as precedentes, de francamente positiva.

De facto podemos dizer que o Senhor nos está ajudando e que, mesmo no meio da confusão de ideologias políticas e reivindicações materiais, há ainda almas sinceras que desejam procurar em «primeiro lugar o reino dos Céus e a sua justiça». Isso leva-nos a, primeiramente, dar graças a Deus por mais esta manifestação do Seu poder e interesse pelas almas, e, em segundo lugar, a animar-nos a todos nós, membros, pastores e evangelistas, a dar o melhor do nosso saber e esforço pessoal, no sentido de conseguirmos aproveitar, da melhor maneira, esta oportunidade que nos é dada para levarmos todas estas preciosas almas aos pés de Jesus. Trata-se de um esforço conjunto, no qual todos devem tomar parte, desde os mais idosos aos mais jovens. Todos, de mãos dadas com o pregador, procurando com a nossa dedicação e interesse criar um espírito de calor e amor cristão, de forma que as visitas se apercebam de que, na realidade, nós somos o povo de Deus, a igreja dos últimos dias. Lembremo-nos de que não estamos sós. «Na obra de resgatar as almas perdidas que perecem, não é o homem quem executa a tarefa de salvá-las; Deus é quem com elas trabalha. Tanto Deus como o homem actuam. 'Sóis coobreiros de Deus'. Temós que trabalhar de diferentes maneiras e idear métodos vários e permitir que Deus actue em nós para revelar a verdade e revelá-l'O a Ele como Salva-

dor que perdoa o pecado.» (**Evangelismo**, pág. 291.) A certeza de que não estamos sós a realizar esta tarefa, mas que somos «coobreiros de Deus», deve dar-nos uma visão clara do extraordinário trabalho em que estamos envolvidos, de forma a realizá-lo com a máxima dedicação, desde a preparação cuidadosa dos temas por parte do pregador até à assistência regular e atenta de todos os membros.

Salvar almas é, sem dúvida, a principal razão da igreja, e os seus membros não devem perder nunca o sentimento de que a igreja foi suscitada para «pregar o evangelho a toda a criatura». Na aceitação do evangelho e consequente conversão, revela-se o amor de Deus aos homens.

«A conversão de almas a Deus é a obra mais grandiosa, a obra mais elevada em que os seres humanos se podem empenhar. Na conversão das almas se revelam a tolerância de Deus, o Seu amor incomensurável, a Sua santidade e o Seu poder.» **Evangelismo**, págs. 291, 292.

Já dissemos que na maioria das igrejas o número de visitas é apreciável. Podemos encontrar médias diárias de 70 e 50 visitas, o que quer dizer que houve dias com assistência superior a 100 interessados. Isto nas igrejas com mais assistência. Mas até mesmo naquelas igrejas que não têm facilidade de grandes auditórios, o número de visitas e o interesse por elas manifestado é merecedor de referência especial.

Sei, por experiência própria, como é difícil, por vezes, pregar numa sala com pouca assistência, mas estou certo de que a visão de que Jesus teria vindo ao mundo sofrer e morrer por uma só alma, nos fará sentir encorajados a dar o melhor de nós mesmos para salvar uma só alma que seja. «Mesmo a doença e a morte são de menor importância do que a salvação de almas por quem Cristo fez tão imenso sacrifício... Uma alma é de mais valor do que o mundo inteiro.» (**Evangelismo**, pág. 324).

Um outro aspecto para que gostaria de chamar a vossa atenção é a continuidade do trabalho. As pessoas que vieram às reuniões devem ser visitadas em suas casas. Deve-se organizar o trabalho missionário da igreja, e pastoral, para

(Continua na pág. 18)

SUMÁRIO

Voo Delta 523
Acção 75 — Continuidade
No Princípio
Junho, o Mês dos Santos
Populares
Notas Sobre Cristologia
Saúde — Alimentação — Tem-
perança
Moçambique — Urgente
Necessidade
Uma Conquista da Fé e do
Trabalho
História do Mês
Aventura na Fé
Notícias do Campo
Encontro de Jovens Estudantes
Adventistas em Coimbra
Caixa de Perguntas
Breves Notícias do Mundo
Adventista

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

JUNHO DE 1975

ANO XXXVI

N.º 345

Director:
ERNESTO FERREIRA

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual: 50\$00
Número avulso 5\$00
Estrangeiro 70\$00

NO PRINCÍPIO

CRIOU DEUS OS CÉUS E A TERRA ...

mas o homem, cheio de orgulho, disse: ✓
«Quem precisa de Deus?»
«Eu sou suficiente para mim mesmo!»
E viu Deus que não era bom. Mas assim se fez.

NO SEGUNDO DIA ...

o homem preocupou-se com o PNB:
com industrialização, comercialização,
importação, exportação, exploração,
e esqueceu que era mordomo da terra.
Manchou os rios, cobriu de óleo os mares,
derrubou as matas
e defraudou o subsolo de sua riqueza.
E viu Deus que não era bom. Mas assim se fez.

NO TERCEIRO DIA ...

morreram os peixes nas águas poluídas,
pereceram os animais do campo,
e desapareceram as aves do céu.
Amarelou a relva, definharam os arbustos,
secaram as fontes
e caiu murcha a fruta temporã das árvores.
E viu Deus que não era bom. Mas assim se fez.

NO QUARTO DIA ...

lutou-se nos céus pelo controle da Lua
e pela energia do Sol.
Descontrolaram-se as chuvas,
desequilibraram-se as estações do ano,
mudou-se a noite em dia
e não houve separação da luz das trevas.
E viu Deus que não era bom. Mas assim se fez.

NO QUINTO DIA ...

sucumbiu metade dos seres humanos
em consequência da fome
e das doenças que a miséria produziu.
Os antibióticos tornaram-se impotentes
diante da resistência dos bacilos.
E viu Deus que não era bom. Mas assim se fez.

NO SEXTO DIA ...

apertaram o botão vermelho
e o fogo envolveu o mundo.
As montanhas se dissolveram no mar fumegante
e, aos gritos lancinantes dos homens,
as cidades sumiram nas entranhas do nada.
Quando se apagou a labareda,
a Terra era apenas pó, e cinzas,
rodopiando no espaço.
E viu Deus que não era bom. Mas assim se fez.

NO SÉTIMO DIA ...

Descansou o mundo de sua tragédia,
voltando a ser sem forma e vazio.
Mas Deus que tudo sofre,
tudo crê, tudo espera
e cujo amor jamais acaba,
conforme o sinal que nos deu na cruz,
através da ressurreição,
diz: «Eis que faço novas todas as coisas!»

**E CRIOU DEUS UM NOVO CÉU
E UMA NOVA TERRA!**

(William Schisler Filho, inspirado em Joerg Zink)

VOO DELTA 523

(CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

que teria apenas 14 minutos de vida? Como poderia sabê-lo ele? Acreditamos sempre que estas coisas acontecem às outras pessoas, mas nunca a nós mesmos. No entanto a morte é uma realidade para todos, de acordo com Hebreus 9:27. É um encontro a que todos temos de comparecer, e este mesmo facto deve conduzir-nos a entregar a nossa vida a Jesus e a viver de harmonia com Ele, pois não sabemos quando é que a Ceifeira vai chamar pelo nosso nome e o sino vai tocar por nossa causa.

O assassino, tendo na mão esquerda uma mala com uma bomba e na direita uma arma automática, correu imediatamente para o avião. Quando passou perto duma mulher gritou: — Afaste-se, afaste-se! — E quando entrou no avião ordenou às hospedeiras que fechassem a porta. Eu continuava imóvel na minha posição junto do detector quando ouvi mais dois disparos no interior do avião. Disseram-me depois que foram atingidos o primeiro e o segundo piloto. Surpreendi-me a pensar, horas mais tarde: Estariam aqueles homens preparados para se encontrar com o Criador? O primeiro piloto ficou ferido e o segundo atingido mortalmente na cabeça. Não teve sorte. De qualquer modo, amigo leitor, vale a pena estar preparado para partir, pois não sabemos a hora da nossa visitação. Alguns adiam a decisão, esperando por uma melhor oportunidade para entregarem ao Senhor a sua vida. Mas este velho mundo está transformado num «vale

da sombra da morte» e a vida não é mais do que um fio muito frágil. Pouco basta para que «se quebre a cadeia de prata, e se despedace o copo de ouro» (Ecl. 12:6).

Drama dentro do avião

A bordo do avião havia nove passageiros, os primeiros a entrar. O assaltante agarrou numa jovem e arrastou-a para a cabine onde os dois pilotos se encontravam caídos sobre os comandos. — Ajude-os a tirar daqui esta coisa! — gritou para ela. Enquanto isto se passava, os outros passageiros escapavam por uma saída de emergência sobre a asa do avião. O louco correu enfurecido, enchendo de terror os passageiros. Entretanto acorreram os agentes de segurança com as pistolas em punho. Quando descobriram onde se achava o homem, procuraram perfurar a fuselagem do avião com as suas armas, mas sem êxito. Um deles veio até junto do homem que havia caído morto aos meus pés, pegou na arma que ele tinha, de calibre diferente, voltou para a porta e ficou à espera. Num momento em que avistou o assaltante, disparou dois tiros através da fuselagem e atingiu o alvo. Caído no chão, o assaltante tirou a própria vida disparando a arma que tinha contra si mesmo.

Fiquei no terminal a ver transportar os mortos e os feridos. Foi uma cena que nunca poderei esquecer. Homens e mulheres ficaram em estado de choque e perguntavam: — Isto foi um ensaio geral? — Outro queria saber se as explosões

tinham sido de foguetes. Outros ainda corriam doidamente para outras partes do aeroporto sem saber o que faziam. Recordou-me as cenas narradas pelos profetas acerca da Terra nos últimos dias, quando na vinda de Cristo os homens se confundirão não apenas sobre o que está a acontecer, mas sobre qual deve ser a sua reacção. Vale a pena estarmos agora preparados, para que nessa altura não haja muitas surpresas.

Subitamente ocorreu-me ali que eu estava ao serviço do Rei e que devia seguir o meu caminho. Dirigi-me então ao balcão doutra empresa e marquei um voo para Dallas, Texas. Em breve voava na direcção de sudoeste, a bordo dum avião da American Airlines com destino a Dallas, onde apanhei outra ligação para Houston. Ali tive uma reunião com alguns obreiros e depois fomos alugar um terreno onde seria levantada a minha tenda para a campanha de Missão 74. Dirigi-me depois a Dallas, onde dormi bem aquela noite. No dia seguinte, um sábado, preguei dois sermões, antes de regressar à zona de Washington.

Três homens haviam morrido na véspera, enfrentando a eternidade. Tudo se tinha passado tão próximo, tão terrivelmente próximo de mim, e desde essa altura não mais deixei de agradecer a Deus o simples facto de me encontrar com vida. Há mais uma coisa que me impressiona neste momento e que desejo partilhar convosco: devemos viver cada dia como se fosse o nosso último dia na Terra. E, na realidade, pode ser.

JUNHO

o mês dos santos populares

O NOME do mês de Junho deriva do latim **Junius**, talvez de Junius Brutus, e era consagrado a Juno, rainha dos deuses, irmã e mulher de Júpiter.

Pode dizer-se que no Calendário actual o mês de Junho é o mês dos santos populares, nomeadamente, nos países latinos e mais especialmente entre nós.

Efectivamente, Junho indica no dia 13 a festividade de S. António — S. António de Lisboa, ou S. António de Pádua, como é mais conhecido no calendário católico. Efectivamente, S. António nasceu em Lisboa e recebeu o nome de Fernando que, mais tarde, quando entrou para a Ordem Franciscana, mudou para António. Passou a maior parte da sua vida na Itália, onde faleceu na cidade de Pádua — daí o nome de S. António de Pádua.

Não há dúvida de que foi pessoa humilde e consagrada ao serviço de Deus, vivendo para as coisas religiosas, muito alheio às coisas mundanas.

Nado e criado no catolicismo, não teve outras luzes senão as que recebeu da doutrina católica.

Não deixa de ser curioso notar o facto de ser invocado como protector de namoros, mesmo de casamenteiro, portanto muito apreciado entre a juventude namoradeira que o tem como seu patrono.

Frei António, sempre austero, recolhido e vivendo só para os seus livros e para as suas pregações, longe do mundo, retirado na sua cela, é proclamado protector dos jovens brincalhões, das jovens namoradeiras, coisas estas completamente contrárias e avessas à sua maneira de ser. Como explicar tudo isto?...

No dia 24 de Junho surge a comemoração de outro santo popular: S. João Baptista. Vivendo longe do mundo, surgiu entre as pessoas para as chamar à penitência. Homem de vida dura, da maior sobriedade, e da maior austeridade. Pois este homem que dificilmente esboçaria o mais simples sorriso é apresentado a proteger os bailaricos, os descantes e as marchas nocturnas, dos folgazões que saltam as famosas fogueiras.

Como explicar tudo isto?...

A 29, já a findar o tão buliçoso e saltitante mês, a comemoração de S. Pedro, também com a continuação dos mesmos folguedos de danças, bailaricos, arraiais, marchas com balões e archotes,

fogueiras, vasos de manjericos, tudo de mãos dadas com os inseparáveis namoros, tudo a destoar da gravidade e circunspecção do apóstolo Pedro. Como se explica isto?...

A razão é simples e compreensível para o crente que sabe pela Palavra de Deus que Satanás não desarma.

A Igreja fundada pelo divino Salvador constituía o alvo principal dos ataques das hostes satânicas.

A Igreja apostólica mantinha a verdade da mediação única de Jesus. Isto não convinha a Satanás que procurou dismantelar esta doutrina, introduzindo o culto dos denominados santos. Para isso preparou o terreno com as doutrinas da suposta imortalidade da alma. Uma vez aceita a imortalidade, impunha-se logicamente a colocação das almas dos mortos ou no céu, ou no purgatório ou no inferno, de acordo com as doutrinas pagãs. O paganismo distinguia entre os deuses, entre **majores** (maiores, principais) e **minores** (menores). Estes deuses menores encarregavam-se de transmitir aos deuses principais as súplicas e orações dos homens, que só assim ascendiam até eles. Os denominados **santos** ficaram a substituir aqueles deuses menores (**dii** ou **dei** menores).

Não convinha, também, a Satanás, que homens humildes, recolhidos, desligados do mundo e dos seus prazeres, assim ficassem na memória dos povos. Por isso levou a Igreja a introduzir as práticas pagãs das festividades e folguedos, colocando tudo isto debaixo da protecção de crentes conhecidos e de muitíssimos outros que se inventaram.

Recorde-se que há poucos anos foram riscados do calendário cristão os nomes de muitos supostos santos e santas — alguns deles e delas, bastante conhecidos e **milagreiros!**

A nossa âncora é a Palavra de Deus, na qual assentamos a nossa fé e, conseqüentemente, a nossa esperança.

David declara nos salmos, repetidas vezes, a sua determinação de invocar a Deus e só a Deus. «Quanto a mim, invocarei ao Senhor»; «invocaremos o Teu nome»; «cantarei ao Senhor em todo o tempo da minha vida: cantarei salmos ao meu Deus, enquanto eu subsistir».

{Continua na pág. 18}

NOTAS SOBRE CRISTOLOGIA

POR CRISTOLOGIA compreende-se o estudo da Encarnação e Personalidade de Jesus Cristo. Já apresentámos alguns pensamentos modestos sobre a Sua divindade que só pode ser negada contradizendo afirmações explícitas de Jesus e dos Apóstolos, o que nenhum cristão deve fazer.

Ao tratar de assuntos transcendentais em Religião, convém nunca esquecer os limites da nossa inteligência. Nem tudo está ao alcance humano e há assuntos religiosos que estão no segredo de Deus, o que aliás é ensino claro da Bíblia (Deut. 29:29). Na vida cristã e para obter a eterna, o que mais importa é a prática das virtudes e não a compreensão intelectual do mundo terrestre ou celestial. Quase em cada página da Bíblia somos aconselhados a fazer «boas obras» e até Jesus aconselhou: «Que os homens vejam as vossas obras e (por elas) glorifiquem o vosso Deus que está no Céu» (Mat. 5:16).

A Bíblia, divinamente inspirada, foi-nos dada para nos orientar nas «boas obras», e tudo quanto seja indispensável saber e praticar é **explicitamente** ensinado nela «para que o homem de Deus seja **perfeito e perfeitamente instruído** para toda a boa obra» (2 Tim. 3:17). Nos domínios da Religião, procurar saber e dizer mais do que a Bíblia ensina é fonte perene de erros e transgressão da doutrina apostólica: «Quem não se conforma com as sãs palavras de Jesus Cristo (...) é soberbo, nada sabe mas delira acerca de questões e contendas de palavras (...)» (1 Tim. 6:3-4). Infelizmente a leitura da História do Cristianismo e a nossa experiência da vida mostram bem o esquecimento destes princípios salutares: nunca faltaram nem faltam pessoas a dar livre curso à imaginação e a proclamar como verdades indispensáveis à salvação o que a Bíblia não ensina. Acautelemo-nos deles e desta tendência.

I

Que ensina a Bíblia sobre a Encarnação e Personalidade de Jesus Cristo?

Limitemo-nos a analisar os textos do Novo Testamento que dão luz mais intensa sobre estes assuntos:

1.º Texto — S. João 1:14: «E o Verbo fez-Se carne».

- a) **Verbo**: a entidade «que estava no princípio com Deus e que era Deus, pela qual foram feitas todas as coisas» (S. João 1:1-3).
- b) **Fez-Se**: tradução de um verbo grego, no aoristo do indicativo, que significa «assumir o carácter de, a aparência de, mudar-se

em, converter-se em». O aoristo é o tempo verbal que indica acção realizada em um ponto do tempo passado. Além disto, o verbo está na Voz Média, correspondente à nossa Voz Reflexa.

«Fez-se», portanto, indica que a acção foi realizada **voluntariamente** pelo próprio Verbo na Sua pessoa. Ninguém nem nada O obrigou a tal.

- c) «**Carne**» é sinónimo de «natureza humana».
- d) Parafrazeando: a Entidade divina que estava com Deus desde a eternidade e pela qual o Universo foi criado, (o Verbo) **mudou-se** na natureza humana ou **transformou-se** nessa natureza.

Note-se bem que o texto não diz que o Verbo «Se meteu na carne», «Se revestiu de carne», «Se ligou à carne» porque para dizer tal teria S. João de empregar outros verbos gregos. Foi esta troca de verbos muitas vezes feita e ocasionou graves disputas e dissabores.

2.º Texto — Aos Filipenses 2:5-9:

- a) Tradução de J. F. Almeida: «De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus que, **sendo** em **forma** de Deus, não teve **por usurpação** ser igual a Deus mas **aniquilou-Se** a Si mesmo, tomando a **forma** de servo, fazendo-Se semelhante aos homens e, sendo em **forma** de homem, humilhou-Se a Si mesmo, fazendo-Se obediente até à morte, e morte de cruz. Pelo que Deus O exaltou soberanamente e Lhe deu um nome que é sobre todo o nome, etc.»

Analisemos os termos gregos donde provieram os portugueses por nós subiñhados: 1) «sendo em forma de Deus» está em grego «estando na posse da forma de Deus»; 2) o termo **forma** repetido três vezes na nossa tradução, está em grego «morfê» para os dois primeiros e «esquema» para o terceiro. «Morfê», termo muito empregado pelos filósofos gregos, significa «**atributos essenciais e permanentes**». «Esquema» significa aspecto exterior ou aparente. Donde: «Estando na posse da forma (morfê) de Deus» significa «estando na posse dos atributos essenciais e permanentes de Deus», isto é, «sendo divino por natureza»; 3) «Não teve por usurpação ser igual a Deus». Se fosse esta a redacção em grego teria de ser interpretada: «Não quis obter por meio ilícito a igualdade a Deus». Mas em grego está: «Não pensou em reclamar avidamente ser igual a Deus».

Ponderemos: se o Verbo era da essência divina (S. João 1:1), era igual a Deus por natureza. Porque haveria de reclamar avidamente o que possuía por natureza? Só se houvesse uma diferença de posição honorífica! A verdade é que, nem mesmo quando estava na Terra, deixou de considerar a superioridade de Deus sobre a Sua pessoa (S. João 14:28); 4) Em vez de querer assumir a posição de Deus, a nossa tradução diz que «se aniquilou a Si mesmo». É inaceitável tal ideia, porque dizer que uma entidade divina se pode «aniquilar» equivale a admitir que Deus pode desaparecer, morrer. Se o suicídio é pecado grave no homem, muito mais grave seria em ente divino. Mas em grego está, não «aniquilou-se», mas «esvaziou-se a Si mesmo». Esvaziou-se de quê? Dos atributos divinos? Impossível, porque são eternos! Logo, esvaziou-se da posição gloriosa que tinha, abdicou temporariamente das Suas prerrogativas; 5) Em vez de manter essas prerrogativas, tomou a **forma, os atributos** de servo, justamente contrários aos divinos. «Tomando» indica acto voluntário, ao passo que «estando na posse dos atributos divinos ou forma de Deus» era um direito inalienável; 6) E «sendo em forma de homem» está em grego «estando na aparência externa de homem». Os homens não podiam ver nele mais nada que não fosse um homem, mas apenas em «esquema» ou aparência porque de facto era mais do que isso.

Examinando o texto à luz da sua redacção em grego, algo ganharemos na leitura de outras traduções:

1) Vulgata Clementina (a Bíblia de autoridade na Igreja de Roma):

«Experimentai em vós o que se passou em Cristo Jesus que, quando estava na forma (ou modelo) de Deus, não decidiu arbitrariamente a posse de ser igual a Deus, mas despojou-Se a Si mesmo, tomando a forma (ou modelo) de servo, feito à semelhança de homens, e encontrou-Se no modo de ser como homem. Humilhou-se a Si

mesmo, faz-Se obediente até à morte, à morte de cruz. Por isso também Deus O exaltou, etc.»

2) Bíblia dos Frades Capuchinhos:

«Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus: Ele, que era de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus; mas despojou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens. Tido pelo aspecto como homem, humilhou-se a Si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz. Por isso é que Deus O exaltou, etc.»

3) Tradução inglesa de Moffatt:

«Tratai-vos uns aos outros com o mesmo espírito que conheceis de experiência em Cristo Jesus. Embora fosse divino por natureza, não deu grande valor à igualdade com Deus, mas esvaziou-se a Si mesmo, tomando a natureza de servo; nasceu à maneira humana e apareceu em forma humana. Sujeitou-Se humildemente na Sua obediência até morrer, e morte de cruz. Por isso, Deus O exaltou, etc.»

Que concluir desta modesta análise a este texto de S. Paulo? Quando o Verbo, Jesus Cristo, estava na posse da essência divina e respectiva posição — diferentes das dos anjos, que não participam da essência divina — não pensou em subir de posto, em ser igual a Deus nas categorias celestiais; pelo contrário, escolheu voluntariamente a condição de servo, tomou o aspecto de homem na aparência externa — porque não podia esquecer quem era na realidade — humilhou-Se voluntariamente, na Sua vida terrestre, até à morte dolorosa da cruz.

Note-se mais uma vez que este texto afirma que o Verbo gozava da essência e atributos de Deus. Negar a divindade de Jesus Cristo só pode fazer-se demonstrando que S. Paulo se enganou ou que o texto foi inserido por mãos estranhas.

Um exemplo: um português rico, com o pai vivo, resolveu certo dia, por qualquer motivo, ir viver para outra nação de língua, costumes e até cor diferentes. Mantém evidentemente a sua personalidade, a plena consciência de quem é, onde nasceu e se criou, as relações amigáveis com o pai, mas, ao naturalizar-se cidadão do país escolhido, assumiu os respectivos deveres, adoptou o vestuário e modos de vida diferentes dos que tinha na sua terra de origem. Quando precisa de algo escreve ao pai sempre pronto a acolher os seus pedidos. Pode regressar quando queira, re-assumir os seus direitos, mas resolveu permanecer até à morte no país de adopção, na obediência às suas leis, onde de rico passara a criado. Continua sempre a ser exactamente o mesmo, não pode mudar as características da sua raça; só pôde mudar as suas condições de existência.

Mal comparado, parece que foi o que aconteceu ao Verbo divino: gozava da essência divina e respectivos direitos e riquezas, quando resolveu

(Continua na pág. 18)

“Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus”

(Amós 4:12)

Esta é a ordem que Deus dá aos seus servos — Prepara-te! — Para quê? Para te encontrares com o teu Deus!

Quando lemos este versículo limitamo-nos a encontrar nele um aviso estritamente espiritual. Esquecemo-nos, porém, de que o espiritual está intimamente ligado ao físico.

Que estamos fazendo pela nossa saúde? Como nos estamos a alimentar? São os nossos alimentos aqueles que Deus preparou para o Israel que deseja encontrar-se com o seu Criador?

Deus deseja que alcancemos, já nesta terra, a mais elevada norma de perfeição através do dom de Cristo. Ele nos convida, agora, a fazermos a escolha que nos levará a adoptarmos os princípios que restaurem em nós a imagem divina obliterada pelo pecado.

O nosso corpo é «o templo do Espírito Santo». Que material temos nós fornecido para a construção deste templo, a fim de que o Espírito tenha prazer em nele habitar?

Lemos no Espírito de Profecia — «O Criador do homem organizou a maquinaria viva do nosso corpo. Cada função é maravilhosa e sabiamente arranjada e Deus Se comprometeu a manter esta maquinaria humana em saudável acção desde que o instrumento humano obedeça a Suas leis e coopere com Ele... Tão verdadeiramente é pecado violar as leis do nosso ser como é quebrantar os Dez Mandamentos», **Conselhos sobre o Regime Alimentar**, pág. 17.

Que está o Israel de hoje fazendo para manter essas leis que conservam a harmonia extraordinária das funções orgânicas da obra-prima da criação que foi o homem?

Irmãos, estaremos como os demais entusiasmados pelo apetite que, como diz E. White, nos tornará «cativos de hábitos pervertidos?»

«Manter o corpo em condições saudáveis, a fim de que todas as partes da maquinaria viva possam agir harmoniosamente, tal deve ser a preocupação da nossa vida». — **Idem**, pág. 18.

Se estamos verdadeiramente convertidos, não deixaremos para plano inferior a importante questão da Reforma da Saúde.

Infelizmente, confrangidos, ouvimos com frequência alguns dos nossos crentes ridicularizarem aquilo que Deus santificou.

Quando amesquinhamos ou tornamos anedóticos os nossos comentários sobre os avisos que Deus deixou ao seu povo, a quem estaremos a ofender? Aos que na sua sinceridade desejam seguir uma sã alimentação ou a própria inspiração divina? A nossa posição neste, como em qualquer outro princípio da nossa fé, não pode ser dúbia. Ou aceitamos que todos os conselhos do Espírito de Profecia foram inspirados e incluímos neles os que visam a reforma alimentar ou estamos a fazer um escrutínio daquilo que melhor se adapta aos nossos interesses e apetites.

Se o aceitamos, e só assim se compreende desejarmos pertencer ao Israel que se prepara, desde já, para o mais solene encontro da sua vida, então poremos em prática nas nossas vidas aquilo que Deus nos confiou.

Somos responsáveis por cada raio de luz recebido com respeito ao bem-estar físico, sendo cada um dos nossos actos «franqueado à inspecção de Deus».

Ponderemos um pouco no que tem sido a nossa vida até ao presente. Estou praticando verdadeiramente os ensinamentos sobre o equilíbrio alimentar? É o meu regime de molde a colocar-me na posição de poder realizar o melhor para o meu Deus?

Uma má alimentação perturba o espírito, embota a mente e menos preparados estamos para ouvir a voz do nosso Mestre.

«Em Sua graciosa misericórdia Ele salva as almas como que pelo fogo. Mas que inferior, que lamentável sacrifício, afinal, a ser oferecido a Deus! Nobres faculdades foram paralisadas por hábitos erróneos de pecaminosa indulgência. As aspirações são pervertidas e corpo e alma desfigurados» — **Idem**, pág. 22.

Que progressos temos feito após cem anos de luz especial sobre a reforma do regime alimentar? De que modo reflectimos essa luz?

Irmãos, chegou o momento de pormos a nossa vida de acordo com a vontade de Deus.

«... Há ainda entre nós membros da igreja bem instruídos e mesmo ministros do Evangelho que têm pouco respeito pela luz que Deus deu sobre o assunto. Comem o que lhes apraz e procedem

(Continua na pág. 18)

HENRIQUE BERG, PRESIDENTE DA UNIÃO DAS MISSÕES ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA EM MOÇAMBIQUE, FALA DAS CONDIÇÕES DA NOSSA OBRA EDUCACIONAL NAQUELE PAÍS E EXPÕE OS PLANOS QUE SERÁ POSSÍVEL COMEÇAR A PÔR EM EXECUÇÃO, GRAÇAS À APLICAÇÃO DUMA PARTE DO EXCESSO DAS OFERTAS DO DÉCIMO TERCEIRO SÁBADO RECOLHIDAS NO SEGUNDO TRIMESTRE DE 1975.

MOÇAMBIQUE URGENTE NECESSIDADE

«SIM, PASTOR, como pode ver, todo o conjunto das instalações tem de ser melhorado. As salas de aula são demasiado pequenas. Os dormitórios, inadequados. Dormem dois rapazes em cada cama; e, meninas, três em cada cama — uns e outras sem colchões. Os alunos pagam uma taxa de matrícula simbólica, mas não chega sequer para cobrir as despesas com o material que utilizam para escrever. Os nossos alunos não têm dinheiro, nem meio de o arranjar. De acordo com a lei, os nossos professores poderão ser impedidos de continuar a leccionar, se não passarem por um treino mais avançado. Se isso acontecer, as nossas escolas fecharão e ficarão 6000 rapazes e meninas sem qualquer possibilidade de receber uma educação.»

Foi esta a saudação que recebi quando cheguei a Moçambique e visitei Mungulúni, lugar da nossa escola preparatória para obreiros. Fiquei também a saber que o curso completo que é possível tirar ali se limita a quatro anos de escola primária e três anos de estudo da Bíblia. Mais tarde, quando explorava os arredores, descobri que os alunos comem somente ao meio-dia e à noite. Durante o tempo livre cozinham a sua mandioca, utilizando bidões no chão, ao ar livre.

A Escola Missionária de Mungulúni tem um único professor para todo o curso ministerial. A escassez de fundos não permite empregar um segundo professor. Se se aumentasse o preço da instrução, os alunos não poderiam pagá-lo. Ficariam muito contentes de poder trabalhar para cobrir parte das suas despesas, mas é impraticável um plano de indústrias escolares, porque Mungulúni fica num ponto isolado, demasiado longe de um local onde pudessem ser vendidos os produtos do trabalho dos estudantes.

Certo é que hoje é o dia da oportunidade para a nossa igreja em Moçambique. Por toda a parte aparecem grupos a pedir alguém para os ensinar,

mas não há obreiros que possam ser enviados. Há jovens activos, prometedores; no entanto, têm de ser treinados.

Como resolver estes problemas

A União das Missões de Moçambique tem 15 000 membros de igreja e 27 000 membros da Escola Sabatina. Desde a reorganização do campo em 1972, tem a nova união dedicado os seus esforços a encontrar uma solução para estes problemas que são muito reais e urgentes. Todos concordam em que o único meio de fazer face à emergência consiste na construção duma nova instituição educacional adventista em sítio de melhor acesso. O local escolhido para a escola encontra-se a 15 quilómetros da Beira, centro geográfico do país. Ali se encontra o mercado necessário à colocação dos produtos de indústria escolar, e a Beira oferece um excelente território para colportagem. Além disso estão-se fazendo planos para acrescentar o curso secundário à matéria ensinada e para elevar o nível do curso ministerial para futuros obreiros.

O custo total deste projecto será de cerca de 9 milhões de escudos. Temos fé de que de algum modo Deus providenciará os meios para a construção desta instituição tão urgentemente necessária. Dela depende o futuro da nossa igreja em Moçambique.

Voltamo-nos para vós, queridos membros da Escola Sabatina em todo o mundo. Confiamos em que, por vosso intermédio, Deus atenderá as nossas orações. Vivemos tempos difíceis em Moçambique. Não podemos contar com o amanhã, mas se tivermos obreiros moçambicanos sinceros, bem preparados, tudo estará bem. Então há-de haver uma igreja preparada para a vinda do Senhor, neste canto da África do sudeste.

Existem em Moçambique mais de 6 000 crianças em escolas rudimentares, na maior parte ensinadas por professores com apenas quatro anos de instrução formal. Aonde podem ir esses professores, a fim de elevar o nível da sua preparação? Onde estudarão os alunos após os primeiros anos da escola primária? As vossas ofertas deste décimo terceiro sábado ajudarão a construir o Centro Educacional Adventista em Moçambique e ajudá-los-ão a preparar-se para o serviço da Causa de Deus.

Ecoss da Campanha

Uma Conquista da Fé e do Trabalho



Em acção no Barreiro

O primeiro domingo de Março, consagrado pelo Conselho da Associação ao lançamento da Campanha em todo o território nacional, amanheceu frio e chuvoso como um desses dias em que o entusiasmo e o ânimo estão pouco acima do grau zero.

Olhando para o céu escuro, carregado de nuvens, e para a montanha de revistas que deviam ser vendidas, concluímos, com razoável dose de pessimismo, que, verdadeiramente, não era um dia promissor para se dar início a uma campanha desta envergadura, quando se precisa de um grande e alentador início, a fim de activar o entusiasmo e a coragem que, diante duma pesada tarefa, quase sempre, se encontram arrefecidos.

Entretanto, a data já não podia ser alterada e, agora, com chuva ou sem chuva, tínhamos todos que pôr mãos ao trabalho e, graças a Deus, foi o que aconteceu em todo o país.

Com os irmãos de Oliveira do Douro e o pastor António Maurício, partimos em dois grupos para Braga e Guimarães, regressando por volta das 15 horas com metade do alvo da igreja alcançado! Ali, trabalhando juntos, pude ver o que pode uma igreja quando se une para partilhar a sua fé. Uma maravilha! Que coisas tem Deus realizado!

No domingo seguinte, com a igreja de Espinho e o seu pastor, em dez carros, partimos para S. João da Madeira, onde vimos, debaixo duma chuva fina e com vento frio, a repetição da façanha, conquistando aquela juventude formidável metade do alvo da igreja!

Entretanto, chegavam doutras igrejas notícias alentadoras de conquistas e vitórias e, melhor que tudo, da participação maciça dos irmãos que, com alegria e entusiasmo, procuravam contribuir, cada um com a sua parcela, para o êxito da Campanha.

Entretanto, preocupava-nos muito o grande alvo da Madeira que, diante das possibilidades da Ilha, parecia mesmo insuperável. Já em carta o pastor Paulo Tito Falcão havia considerado o absurdo de um tal alvo (setenta mil escudos) e,

por considerá-lo tão elevado, preferiu, como disse, fazer com a sua igreja tudo o que fosse possível, sem entretanto se preocupar mais com os resultados, pois, por muito menos, em anos anteriores, o trabalho havia sido árduo e difícil.

Já nos dispúnhamos a seguir para a Madeira, a fim de cooperar com o pastor Tito Falcão e a sua igreja, quando recebemos a grande notícia: «A Madeira alcançou já o seu alvo!» Foi realmente um feito formidável!

Ainda não temos todos os relatórios da Campanha, mas podemos dizer com alegria que, graças a Deus, à cooperação dos obreiros e à participação dos valorosos membros das igrejas, o nosso alvo de um milhão de escudos será alcançado e ultrapassado. Louvado seja Deus!

A seguir, transcrevemos alguns trechos de cartas que recebemos de alguns colegas, onde dizem do andamento da Campanha nas suas igrejas. Cremos que é de utilidade tornar público o testemunho desses obreiros, para que todos possam compreender como foi possível a vitória.

«O nosso alvo foi alcançado e ultrapassado! Nunca foi tão fácil fazer este trabalho! Todas as pessoas nos receberam bem e foram poucas as que não responderam.»

Arnaldo Borges — Aveiro

«Desejo dizer que já alcançámos o alvo e que na última saída tive uma oferta de 500 escudos.»

Abílio Echevarria — Vila do Conde

«Apesar do alvo ter sido maior do que no ano transacto e a revista custar mais cara, não tivemos grandes dificuldades de o alcançarmos no mesmo espaço de tempo. Estamos agradecidos por quantos trabalharam e, embora não tenhamos experiências particulares a salientar, a forma como tudo se passou foi já uma boa experiência.»

Manuel Laranjeira — Canelas

«Aqui no Porto a Campanha das Missões decorreu com bastante ânimo por parte de toda a igreja. No domingo, 6 de Abril, demos por concluído o trabalho, tendo alcançado o objectivo. Creio poder dizer que,

em quatro semanas de trabalho, saindo aos domingos e alguns dias úteis, deitámos por terra o gigante. Tivemos uma mão-cheia de crentes que nunca haviam trabalhado de porta em porta na Campanha das Missões e que fizeram este ano a primeira experiência, com resultados notáveis. Posso dizer-lhe que ultrapassámos o alvo de 75 contos!»

José Manuel de Matos — Porto

«A Campanha das Missões vai decorrendo, para muitos, com animação. Muitos membros da igreja, em Coimbra, estão fazendo uma experiência inteiramente diferente e, creio, abençoada.»

J. Sandoval Melim — Coimbra

«Como o nosso alvo fosse de 172 mil escudos, foi necessária a colaboração de grande número de crentes que, alcançando vários alvos individuais, muito ajudaram a derrubar o Golias. A última oferta que tive foi de 10 mil escudos. Graças a Deus! pois sentimos que Ele esteve com a igreja de Lisboa nesta grande Campanha.»

Fernando Mendes — Lisboa

A participação entusiasta dos nossos queridos irmãos, como podemos ver, foi a chave da vitória. A força está na união! A desunião só produz fraqueza e decepções!

Tivemos a oportunidade de trabalhar em várias localidades e de fazer, juntamente com leigos e obreiros, o trabalho de porta em porta.

No Algarve, com o irmão Casaquinha, vimos o esforço e a coragem, desbravando um mundo de indiferença e frieza e, pouco a pouco, os alvos da Campanha sendo alcançados.

Em Portalegre, vimos o que pode realizar a coragem ao serviço de Deus e sentimos o amor fraternal dos irmãos, numa refeição comum ao ar livre, depois de horas de árduo labor.

Com os irmãos de Setúbal, em Vila Morena, percebemos a dificuldade do grão em grão, e quanto custa conquistar uma soma elevada. Pois, se de lá saiu o hino da liberdade, não sai o dinheiro com muita facilidade!

Com a igreja central de Lisboa, vimos o quanto de esforço e trabalho são necessários para ajuntar 172 contos. — «Oh, eles são muitos!» — dirá alguém. Sim, é verdade, mas nem todos podem

cooperar. Segundo nos declarou o pastor Mendes, para que esta soma pudesse ser alcançada, foi necessário dar aos membros válidos um alvo individual superior a 1000 escudos! Verdadeiramente não foi fácil, como também não foi fácil para as outras igrejas, mas com boa vontade e a ajuda de Deus, as dificuldades foram vencidas.

Impossível! — Difícil! — Realizado! Esta foi a sequência que presenciámos no desenrolar da Campanha. Estamos certos de que esta realização nos ajudará na conquista de outras grandes vitórias para Deus.

Em Vila do Conde com o pastor Echevarria, em Aveiro com o pastor Borges, em Alvalade com o pastor Lopes e no Barreiro com pastor Meneses, não somente tivemos a alegria de ver as portas se abrirem, mas também sentimos a satisfação de um leal companheirismo, o que é bastante animador.

Resta agora unir as nossas forças para conseguir o grande objectivo da Escola Secundária para Portugal! Segundo anunciámos, a nossa Associação receberá um bônus equivalente ao total alcançado na Campanha das Missões, para esse fim, o que já é um bom começo! Sem dúvida, porém, para uma obra como essa, mil contos é pouco, mas tenhamos fé e confiança, pois assim como Deus nos deu este bom começo, nos dará também o suficiente para a sua conclusão.

O importante é que o trabalho foi feito, e muito bem feito! Muitos irmãos que nunca haviam tomado parte nesta Campanha saíram ao trabalho pela primeira vez, e não ficaram decepcionados. Milhares de contactos foram realizados. Milhares de revistas com um pouco da mensagem foram distribuídas. Que o Senhor possa abençoar a semente lançada nos corações dos doadores e fortalecer a fé de cada fiel semeador!

Que, para a Campanha do próximo ano, todos possamos unir-nos, a fim de realizar para Deus obra ainda mais grandiosa, pois é quando nos dispomos a realizar «grandes coisas para Deus» que podemos esperar «grandes coisas de Deus».

Benito Raymundo



Grupo de irmãos da Igreja de Espinho prontos para uma saída com a revista da Campanha.

O BOM AMIGO



QUANDO a mãe do Zé morreu, ele foi morar com sua tia. Esta era uma boa senhora, e tratou-o como se fosse seu próprio filho. Ensinou-lhe boas maneiras; como se devia comportar com os outros; ajudou-o a ser asseado, fazendo com que o Zé fosse estimado por todos. Pouco tempo depois da chegada a casa da tia Alice, todos os vizinhos gostavam dele.

Numa casa ao lado da sua morava um outro jovem da mesma idade e que andava na mesma escola. O Zé conquistou a amizade deste menino que se chamava João, e ambos se tornaram bons amigos. iam juntos para a escola e voltavam juntos.

Passadas as primeiras semanas, Zé começou a notar que o seu amiguinho tinha um péssimo defeito. Quando uma pessoa falava, ele se metia no meio da conversa, como se entendesse do assunto. Era feio! Interrompia a conversa dos mais velhos e perturbava as visitas, com a sua atitude. Desgostoso, o Zé desabafou com a sua tia Alice.

— Ó tia, eu tenho muita pena, mas penso que o melhor é acabar a amizade com o João. Ele anda sempre a meter-se aonde não é chamado. Um companheiro assim não serve.

— Tens razão — respondeu tia Alice —, mas é preciso saber se ele tem sido ensinado ou ajudado. Não deves ficar triste. Talvez o teu amigo necessite alguns conselhos. Por vezes, uma pessoa desajeitada e mal educada não teve ninguém que se interessasse por ela. Tu, por exemplo, quando vieste para minha casa, eras um menino um tanto buliçoso. Mexias em tudo, partias as coisas e batias nos cães. Foi preciso que eu te ensinasse, dizendo o que deverias fazer. Hoje, és diferente, mas foi necessário trabalho.

— Quer dizer que a tia sofreu comigo, não foi? Mas mesmo assim não me abandonou!...

— Não o poderia fazer, pois precisavas que eu te ajudasse, para que pudesses aprender. Nunca se deve abandonar ninguém que fez algo de mal. Devemos tentar por todos os meios ajudar essa pessoa, conduzindo-a ao bem. Só quando não houver qualquer esperança, deveremos evitar essa amizade.

— Ainda bem que eu falei consigo. Compreendo que posso ajudar o João. E começarei já!

— Acho bem. Conversa com ele a esse respeito. Ensina-lhe o que tu aprendeste. Diz-lhe que as pessoas mais velhas gostarão muito dele se ele for educado e gentil.

— Vou já, tia! Não há tempo a perder. Até logo, e obrigado pela lição.

E o Zé saiu, e foi procurar o seu amigo. Avistou-o no jardim, e chamou-o.

— Sabes, João, que nós, jovens, somos sempre bem recebidos quando somos bem educados?

— Sei, respondeu o João. Eu sou bem educado, mas a minha mãe não gosta de me levar. Diz que eu falo muito.

— Mas ela não te aconselha?

— Sim. Ela diz-me sempre para não me meter nas conversas; diz que é muito feio, mas eu esqueço-me sempre.

— Essa é a razão por que não te leva aos passeios. Tu não obedeces e ela fica envergonhada. Sabes, quando nos metemos na conversa, atrapalhamos os outros que estão falando.

— Mas eu tento fazê-lo. O pior é que, quando penso que estou quietinho, não estou.

— Olha! Vamos fazer o seguinte: de hoje em diante andaremos sempre juntos. Sempre que fizeres uma coisa mal feita eu olho para ti, e faço uma cara de zangado, combinado? Assim, compreenderás. E sempre que eu fizer uma coisa que mostre pouca educação, tu farás o mesmo.

— Estou de acordo — respondeu o João. Olharei para ti, para saber se me estou comportando bem ou não!

Alguns anos mais tarde, todos os moradores daquela cidade diziam que os melhores rapazes daquele lugar eram o Zé e o João. Eram sinceros e leais, e o João não se cansava de dizer que fora o amigo que o ensinara a viver. Dizia: «O bom amigo é aquele que não nos despreza, mesmo se fazemos algo de errado; está sempre disposto a ajudar-nos e a compreender-nos, para que sejamos dignos.»

(De «A Caminho duma Vida Feliz»)

AVENTURA NA FÉ

Que quer dizer tudo isto? O irmão está a ser convidado para se empenhar na tarefa de terminar a obra do Senhor o mais breve possível. Agora, em vez de daqui a alguns anos. Este esforço mundial da nossa igreja concentrar-se-á na penetração com a mensagem em novos territórios e na realização de uma actividade mais eficiente em lugares onde a obra já foi iniciada.

Aventura na Fé precisa de **si**. Envolver-se com a Aventura na Fé não terá o aspecto duma experiência de todos os dias. Descobrirá que se trata de algo especial que envolve o seu tempo, talentos e dinheiro. Aventura na Fé precisa das suas orações, do mesmo modo que do seu apoio financeiro. Necessita da sua ajuda na procura de novas oportunidades para a evangelização tanto pessoal como pública. Precisa que o irmão se empenhe pessoalmente, abordando os seus vizinhos com a mensagem, escrevendo cartas aos seus amigos e familiares afastados da igreja, dando o seu tempo e capacidade para ajudar os necessitados da sua zona.

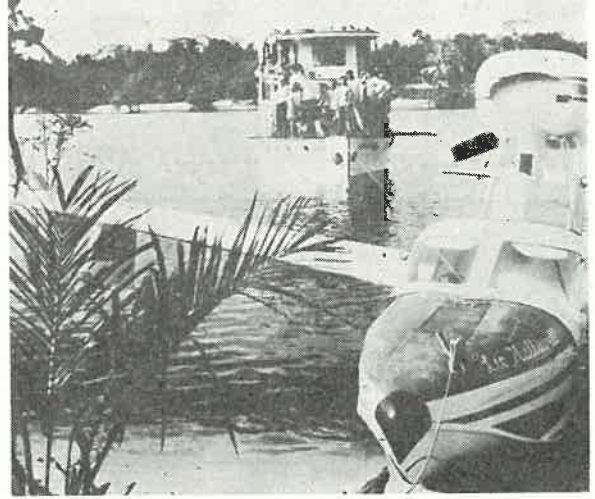
Este ano não se recolherão as habituais ofertas de Primavera e de Verão. Em vez disso, lançamos-lhe o convite para a Aventura na Fé em 26 de Abril e 12 de Julho. A sugestão é que cada membro contribua com o equivalente aos dízimos duma semana em cada um destes dois sábados.

As fotografias aqui apresentadas não dizem tudo. Servem apenas como uma amostra das muitas necessidades que existem em todo o mundo, e das espécies de trabalho para o qual contribuirá a sua oferta da Aventura na Fé.

Se acredita que há ainda uma grande obra para fazer e que o tempo é breve, este programa de Aventura na Fé diz respeito também a si.

C. O. FRANZ

Secretário da Conferência Geral



O IRMÃO pode ajudar a comprar mais lanchas e aviões. As lanchas e os aviões missionários estão em uso em zonas da Terra onde não existe outro meio de transporte. Economizam-se milhares de horas que podem ser dedicadas ao trabalho directo com o povo, como resultado da utilização destas naves que sulcam os rios e cruzam os ares.



O IRMÃO pode ajudar a prover às necessidades do Kasai. Milhares de pessoas do povo Kasai, no Zaire, pediram para ser membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Isto resultou numa premente falta de pastores, professores, igrejas e escolas neste novo território.

O IRMÃO pode ajudar a que isto aconteça em todo o mundo. O membro duma tribo numa zona não civilizada da Nova Guiné observou a mudança na vida de um seu amigo que recebeu estudos bíblicos. Também ele agora deseja saber de Jesus, para regressar ao seu povo e pregar onde o missionário não tem entrada.



notícias do campo

NOTÍCIAS DE BRAGA

A mais jovem congregação em Portugal

No passado sábado, dia 12 de Abril, um belo grupo de jovens e irmãos da Igreja do Porto encontrou-se bem cedo junto do nosso templo, com o fim de irmos a Braga para o trabalho missionário. Estava um dia maravilhoso de céu azul e com o Sol a prometer brilhar intensamente. Assim como na natureza, se passava o mesmo no nosso coração. Ao volante dos nossos carros, o jovem Quim Nogueira, o Ir. Fernando Teixeira e eu próprio sentíamos bastante satisfação em vê-los repletos de pessoas para a realização da tarefa missionária que nos tínhamos proposto.

Chegámos à cidade de Braga cerca das 10 horas da manhã. Parámos os carros perto da nossa Sala — onde já nos esperavam alguns irmãos bracarenses. Fizemos uma pequena alocução missionária e, sob a direcção entusiástica do nosso estimado irmão Manuel Mendes, visitámos um grande número de casas na «cidade dos arcebispos».

Estivemos ao trabalho 20 pessoas e, como trabalhámos em grupos de dois, formámos assim 10 grupos. Cada grupo visitou 20 casas. Deste modo, os 10 grupos visitaram 200 casas. Se cada casa tiver uma média de 3 pessoas de família, segue-se que pudemos contactar, naquela manhã de sábado, com 600 pessoas.

Distribuímos excelentes folhetos, fazendo em cada casa um verdadeiro **contacto pessoal** e prometendo voltar para recolher aquele folheto e deixar outro, se a pessoa assim o desejar.

Fomos muito bem recebidos em geral e, uma vez terminado o trabalho naquela manhã, reunimo-nos de novo na nossa bela «igrejinha» e tivemos uma **reunião de testemunhos**, durante a qual contámos as melhores experiências pelas quais tínhamos acabado de passar.

Braga é, pois, um pequeno átomo da Igreja Adventista em Portugal mas um **átomo** que faz parte dum **corpo vivo** e, por consequência, um átomo vivo também. Prova desta afirmação é o relato que aqui fizemos,



Jovens e irmãos do Porto e de Braga reunidos para o trabalho missionário

mos, assim como a bela experiência que passamos a descrever.

O Ir. Manuel Mendes veio destacado como colportor para Braga nos princípios de 1974. Então ele foi residir para um lugar nos arredores de Braga e, como não poderia deixar de ser, logo ali começou a partilhar a sua fé. Depois de vários contactos havidos, deu-se o caso que um simpático casal — ainda jovem — começou a frequentar a igreja e estão agora sendo já considerados por nós, como irmãos da igreja. Num destes dias da chamada época da Páscoa, o nosso futuro irmão António — assim ele se chama — estava a trabalhar na carpintaria, quando, a dada altura, o patrão, cuja loja fica perto de uma igreja, falou aos operários e disse, à volta disto:

— Agora é a hora da missa. Vocês podem ir ali à igreja. Podem parar com o trabalho e irem.

E o nosso irmão António também foi.

Que fez ele?

Foi buscar à sua mala a Bíblia — edição católica —, e levou-a consigo. Chegado ao adro da igreja abriu-a, creio que nas cenas da Paixão do Senhor, e começou a ler em voz alta o Evangelho para quem o quisesse ouvir. Muitos vieram para a sua beira e escutaram ávidos e curiosos aquele pregador das Escrituras. Muitos ouviram e alguns disseram:

— Gosto disto. Olhem, este fala melhor que o padre!

Prezados irmãos, são gestos como estes que revelam consagração e uma santa ousadia que nos encorajam a todos a não desanimar nos nossos planos missionários e a acreditar sempre que, por toda a parte, há almas sinceras a quem urge levar a Mensagem da Salvação. Estás tu fazendo a tua parte? Estou eu fazendo a minha?

Vosso, no Senhor,

José M. Matos



Em Braga, de porta em porta

BEIRA BAIXA — ATALAIA DO CAMPO

Pelo Presidente da Associação dos Adventistas do Sétimo Dia, pastor Baião, foi inaugurada a sala de culto de Atalaia do Campo.

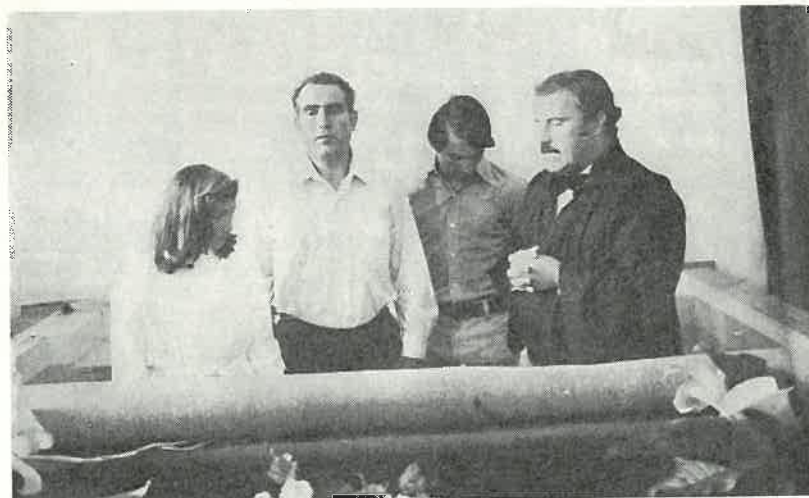
O grupo da Beira Baixa, como é assim designado, há muito que vem exercendo as suas actividades missionárias, mas, com a chegada do Ir. Reinaldo dos Santos, que trouxe endereços de outros irmãos residentes nesta área, e com o seu calor e zelo missionários, os membros, que residem a 20, 30 e 67 quilómetros de Atalaia, foram-se fortalecendo espiritualmente com as reuniões que cada Sábado se realizavam em casa duns ou doutros irmãos e até mesmo ao ar livre. Assim se organizou uma pequena família dentro da Grande Família Adventista, que deseja tornar-se ainda maior.



Assistência na inauguração da sala de Atalaia



Irmãos do grupo de Atalaia que nos acompanharam a Portalegre



Baptismos de Atalaia feitos em Portalegre — irmão Gil e filhos

Presentemente, o grupo compõe-se de 11 membros baptizados, (alguns recentemente chegados do Ultramar), mas esperam-se para breve 2 baptismos, já fruto da dedicação e boa vontade dos seus componentes.

A sala, que comporta 60 lugares sentados, estava completamente cheia. Muitas pessoas tiveram que ficar de pé, e outras não conseguiram entrar por falta de espaço.

Dentro do programa da Inauguração, no dia seguinte, alguns membros do grupo acompanhados pelo pastor Baião, se dirigiram à Igreja de Portalegre, onde, com a graça de Deus, teve lugar a cerimónia baptismal do Ir. Gil e seus filhos Vítor e Neide, de Maçainhas — Belmonte.

Aqui ficam registados os agradecimentos para o pastor Baião, que, com os seus conselhos e apoio espiritual, tornou uma realidade a abertura da sala.

Também um grande obrigado para o pastor Daniel Silva e membros da Igreja de Portalegre, pela maneira carinhosa e familiar como receberam os membros do grupo da Beira Baixa. O «Bem Haja» a todos pela sua festa improvisada, mas de muito alcance.

Armando Sousa

NOTÍCIAS DA AMADORA

Acção 75

Está decorrendo com apreciável êxito a «Acção 75» na Igreja da Amadora, onde quase todos os irmãos têm, de uma maneira ou outra, dado a sua preciosa colaboração.

No fim da primeira semana realizou-se a primeira sessão baptismal, na qual participaram 8 preciosas

almas, entre as quais alguns jovens filhos de membros. Havia muitas visitas, 115, algumas das quais viam pela primeira vez um baptismo por imersão. No apelo final, sete pessoas, que já visitavam há tempos, decidiram-se pelo baptismo. A realizar no final de «Acção 75», e, para se prepararem para este acto, levantaram-se várias dezenas. Estamos gratos ao Senhor pelo que tem feito por nós.

A Igreja da Amadora continua animada com a sua «Acção 75». As médias diárias da primeira semana foram as seguintes: visitas 65; crianças 44; membros 77. Tratando-se de uma média diária, creio que devemos ver a mão de Deus a ajudar-nos.

Vamos continuar a dar o melhor do nosso esforço tendo sempre em mente a importância do trabalho em que estamos empenhados — salvar almas.

A. Baião

NOTÍCIAS DE LISBOA

Clube de Desbravadores

O «Clube dos Desbravadores» (da Igreja Central de Lisboa) iniciou este ano de maneira decidida. Além dos jovens M. V. menores da igreja, foram convidadas as crianças da escola primária. Também os que moram nos arredores receberam uma rápida mas simpática visita, anunciando o iminente início das actividades do «Clube» (para o ano 1975).

Todos receberam o programa dos primeiros meses — programa que assegurava, por um lado, a confiança para com o «Clube» e, por outro lado, a certeza de que, ao inscrever-se, os jovens teriam aproveitado alguma coisa.

Os seis primeiros meses foram divididos em dois períodos de três meses cada um. De Janeiro a Março prevaleceram as actividades manuais; isso não impediu que a Cruz Vermelha viesse apresentar umas palestras sobre «Primeiros Socorros» e que as meninas seguissem um utilíssimo «Curso de Culinária», e ainda que, uma vez ou outra, saíssemos para uma «visita instrutiva».

O segundo período devia ter como objectivo preparar os jovens M. V. para os próximos acampamentos locais, nacionais e internacionais.

Já o primeiro trimestre passou e podemos dizer que foi positivo. Os jovens trabalharam e vimos talentos desconhecidos que, domingo após domingo, se desenvolveram, apesar das dificuldades de espaço (iniciámos com cerca de 35 rapazes e meninas) e de material. Foi nos



Baptismos durante Acção 75 na Amadora

dias 19 e 20 de Abril que os jovens M. V. menores puderam, na «FEIRA DOS DESBRAVADORES» — o acontecimento mais importante destes primeiros meses — mostrar e vender os próprios trabalhos, que foram altamente apreciados por todos os visitantes vindos de diferentes igrejas. Resultado da venda: 2000\$00 que vão aumentar o nosso fundo já existente e que os «desbravadores» alimentam semanalmente com as respectivas quotas.

As meninas já passaram o exame de «culinária» e estão agora aptas a fazer pão caseiro, bolos e a preparar a mesa ... os pais podem certamente confiar nelas!

A segunda parte do programa geral previa actividades de «campismo». As saídas ao campo, aos mon-

tes ... Claros, as pistas, os acampamentos e as actividades desportivas deviam prevalecer. E assim foi; antes assim estamos fazendo, visto que ainda não se concluiu o segundo período. Falta pouco tempo, mas o suficiente para findarmos com o «DIA DOS DESBRAVADORES», no qual esperamos, fardados, apresentar à igreja um bom número de jovens dispostos a continuar, até a idade o permitir, a pertencer a este CLUBE que, mesmo para os dirigentes, é animador e inspirador.

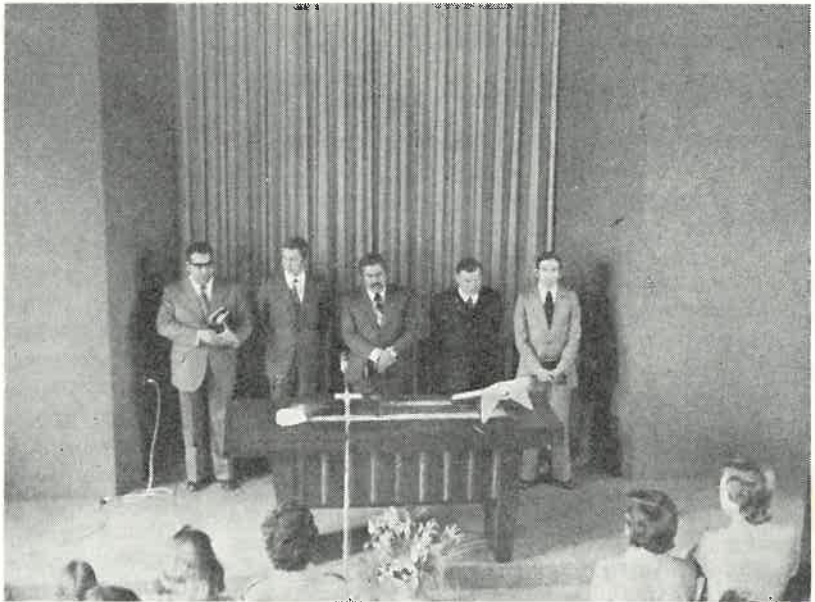
Daqui fazemos um apelo às outras igrejas que porventura não tenham ainda organizado um «Clube de Desbravadores», para que façam uma experiência nesse sentido. Vale, realmente, a pena!

R. Orsucci



Aspecto da Feira de Desbravadores em Lisboa

ENCONTRO DE JOVENS ESTUDANTES ADVENTISTAS EM COIMBRA



Da esquerda para a direita: O Dr. David Esteves, o professor J. Flori, o pastor A. Baião, o professor M. Buonfiglio e o professor R. Badenas

NO PASSADO mês de Março, mais exactamente nos dias 20, 21 e 23, teve lugar em Coimbra um encontro de jovens. Revestiu-se este encontro de características especiais, não só devido ao tema tratado, «Evolução ou Criação», de grande interesse e actualidade, como ainda porque a ele foram convidados especialmente todos os jovens universitários, pré-universitários e qualquer outro que se interessasse pelo assunto, de si próprio muito técnico e especializado.

Foi um privilégio para todos os jovens presentes, e lamentamos que mais não tenham sido, poderem ouvir a explanação de tão palpitante assunto por vozes autorizadas e abalizadas para tal, como foi o caso dos três convidados de honra para este encontro: o professor Jean Flori, do Seminário Adventista de Collonges e especialista em Evolução; o professor Buonfiglio, secretário dos departamentos de Jovens e Educação da União Sul-Europeia e ainda o professor R. Badenas, do Seminário Adventista de Sagunto, em Espanha.

A abrir o encontro, o pastor Baião fez, na quinta-feira, dia 20, uma breve alocução, em que deu as boas-vindas a todos os presentes, expondo em seguida quais as razões e qual o fim em vista ao realizar este encontro. No dia seguinte, o Dr. Sandoval Melim passou com os jovens presentes alguns momentos de meditação, antes de entrarmos nos trabalhos do dia, a cargo do professor Buonfiglio, que focou aspectos e implicações sociais do

evolucionismo na vida dos jovens estudantes universitários e pré-universitários, mais directamente sob a sua influência, nos estabelecimentos de ensino. O professor Flori tomou a seu cargo, ao longo deste encontro, a parte técnica e especializada do assunto, só por si vastíssima. Depois de terminadas as conferências do dia, foram dados alguns minutos para troca de impressões ou fazer qualquer pergunta.

O dia de Sábado foi para os jovens presentes uma inspiração, ao verem a igreja de Coimbra repleta de irmãos e irmãs, jovens e idosos, que ali se deslocaram, de perto ou de longe, dando-nos o calor amigo da sua presença. O professor Flori tratou no culto sobre o tema das conferências, «Evolução ou Criação», e revelou-nos alguns aspectos interessantes do Criacionismo. A presença do grupo Maranata, que entoou dois cânticos, contribuiu para o alto nível espiritual da reunião.

Ainda no Sábado, à tarde, o professor Badenas falou-nos das teorias evolucionistas de um grande homem, o padre Teilhard de Chardin. É compreensível o interesse manifestado pelos presentes, ao ser focado um homem tão discutido nos meios científicos de hoje. No Sábado à noite houve uma reunião social, com a participação da C. R. A. M. V. e do grupo Maranata.

No domingo de manhã, último dia deste encontro, o professor Badenas passou com os jovens alguns momentos de meditação. Em seguida, o professor Buonfiglio apre-

sentou-nos a ideia de uma Associação de Estudantes Universitários Adventistas (E. U. P. A.). Esta associação teria como objectivo principal a aproximação entre estudantes, organizados e agrupados. Talvez que, devido à não-existência da associação, se verificasse um tão pequeno número de presentes. Outros objectivos haveria a considerar, e estes foram alvo, tal como a criação da própria associação, de votação por parte dos presentes. Ficou, pois, estabelecido que se faria essa associação. Foram mesmo aprovados os estatutos para ela.

E assim chegámos ao fim deste encontro. Resta-nos dizer algumas palavras de agradecimento, em primeiro lugar à Associação Portuguesa, na pessoa do seu presidente, pastor António Baião, que enviou todos os esforços para a realização deste encontro; depois, aos professores Flori, Buonfiglio e Badenas que, com a sua experiência e saber, permitiram que sássemos de Coimbra mais ricos culturalmente. Ainda um «muito obrigado» para o Dr. Sandoval Melin e sua esposa, pela sua hospitalidade e acolhimento francamente amigável. Só temos desculpas a pedir, pelos incómodos causados. Finalmente um agradecimento a todos os jovens presentes em Coimbra, que corresponderam assim da melhor maneira, ao convite feito. Que esta pudesse ter sido a primeira de muitas outras experiências positivas, não só a nível universitário, mas também a outros níveis.

Manuel Ferro

Accção 75-Continuidade

(Continuação da pág. 2)

que essas almas sejam visitadas regularmente. Não se deve permitir, de maneira nenhuma, que o interesse suscitado venha a esmorecer. Esta tem, talvez, sido a nossa maior falha. «Era admirável o interesse que se manifestava ali. O povo ia às reuniões e sentava-se a escutar com lágrimas nos olhos; estavam profundamente impressionados; mas o caso foi abandonado sem pessoa alguma que sondasse o interesse; antes deixaram que tudo desandasse. Estas coisas não agradam a Deus.» (**Evangelismo**, pág. 325.)

Não caiamos no desagrado de Deus, consentindo que estas almas a quem suscitámos o interesse e estão tão perto da verdade e da salvação se afastem definitivamente ou se façam baptizar noutras igrejas, perdendo assim a grande oportunidade da sua vida. Vamos dar continuidade a **Accção 75** através de visitas, estudos bíblicos, classes baptismais; e não nos esqueçamos de inscrever os interessados nos cursos da Escola Bíblica por correspondência. Devemos pôr todos os meios ao nosso alcance ao serviço da salvação das almas.

A. Baião

“Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus”

(Continuação da pág. 8)

do mesmo modo ... Devem estar firmados no terreno da Bíblia, com relação à reforma do regime alimentar e dar testemunho decidido aos que crêem que estamos vivendo nos últimos dias da história deste mundo. Cumpre traçar uma divisória entre os que servem a Deus e os que servem a si próprios» — **Idem**, pág. 24.

«Cereais, frutas, nozes e verduras constituem o regime dietético escolhido por nosso Criador ... Se formos ao Senhor em simplicidade de espírito, Ele nos ensinará a preparar alimento saudável sem a mancha da carne» — **Idem**, pág. 310.

É sobre esta base alimentar que nos propomos, no próximo contacto convosco através da Revista Adventista, a dar uma simples mas entusiasta e sincera ajuda, à realização deste objectivo.

Na impossibilidade de, por agora, darmos um contributo mais directo, propomo-nos, com o auxílio das indicações dadas pela pena inspirada de Ellen White, elaborar um programa de confecção de alimentos.

Experimentai e avançai com confiança, tendo em vista não esta vida, mas aquela bem mais preciosa — a eterna!

Eunice Dias

Notas sobre cristologia

(Continuação da pág. 7)

voluntariamente, em vez de querer posição igual à de Deus, fazer-Se homem, assumir a condição e deveres respectivos, até à morte. Sabia quem era, mantinha as melhores relações com Deus, que «sempre estava pronto a ouvi-l'O» (S. João 11:42), nunca Se esqueceu de quem era no Céu e da situação que ali tinha (S. João 17:24-26). Mudara apenas as condições da Sua vida.

3.º Texto — 2 Cor. 8:9: «(...) Jesus Cristo, sendo rico, fez-Se pobre por amor de nós, para que pela Sua pobreza enriquecêssemos.»

Noutros termos: mudou a Sua condição de existência, sem perder consciência de quem era.

4.º Texto — S. João 17:5: «Agora glorifica-Me, ó Pai, junto de Ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse.»

Este texto prova, pelo menos, que mantinha a consciência de ter vindo de uma condição de glória (a tal «forma de Deus» de Fil., cap. 2) que tivera desde a eternidade. Abdicara dessa condição, dessa posição, mas não pôde abdicar da essência divina.

5.º Texto — I Tim. 3:16: «Sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: aquele que Se manifestou em carne (...) foi recebido acima na glória.»

O grande mistério consiste na união da essência divina com a humana, de forma a constituir a pessoa ou personalidade de Jesus Cristo. Esta união é impensável e inexplicável pela inteligência humana. O que sobre ela possam dizer os homens é pura imaginação!

(Conclui no próximo número)

JUNHO

o mês dos santos populares

(Continuação da pág. 5)

Jesus é o único Mediador, conforme a clara declaração do apóstolo Paulo: «Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo homem» (I Timóteo 2:5). Nem vale argumentar que embora o passo citado declare que «há um Mediador» não diz, contudo, que não possa haver outros mediadores, além deste. As palavras falam por si mesmas; tal como as palavras «há um só Deus» querem dizer que **só há um Deus**, também a expressão «há um só Mediador entre Deus e os homens» quer dizer que **só há um, e não mais do que um Mediador entre Deus e os homens**. O mesmo se diga com respeito à expressão: «Se alguém ainda pecar, temos por Advogado para com o Pai a Jesus Cristo justo, porque Ele é a propiciação pelos nossos pecados» (I João 2:1, 2).

caixa de perguntas

Secção a cargo de J. N. Branco

— **Porque é que Adão e Eva não comeram do fruto da árvore da vida, antes da queda? Ou terão eles comido desse fruto e Deus anulou o seu efeito — a imortalidade?**

Adão e Eva, antes da entrada do pecado, podiam comer da árvore da vida. Contudo, para continuarem na posse da imortalidade condicional, deviam comer constantemente dessa árvore, e não só algumas vezes. Depois da queda, perderam esse privilégio, e passaram da **imortalidade condicional** para a **mortalidade incondicional**. A longa duração da vida dos antediluvianos era ainda consequência do fruto da árvore da vida, comido por Adão e Eva.

Para confirmar o que se diz acima, vejamos o que escreveu a Irmã White: «Comendo Adão e Eva desta árvore (a árvore da vida) reconheciam a sua dependência de Deus. A árvore da vida tinha a propriedade de perpetuar a vida, e enquanto comessem do seu fruto, não poderiam morrer. A vida dos antediluvianos foi prolongada em virtude do poder doador de vida dessa árvore, que lhes foi transmitido por Adão e Eva» — **Comentários de Ellen White, em The SDA Bible Commentary, vol. 7, pág. 988.**

«A fim de possuir uma existência sem fim, o homem devia continuar a participar da árvore da vida. Privado disto, a sua vitalidade diminuiria, gradualmente, até que a vida se extinguísse.» — **Patriarcas e Profetas, pág. 54.**

* * *

— **Job 19:26, na tradução brasileira, diz: «Depois de destruída esta minha carne, verei a Deus». A tradução Almeida diz: «Depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne, verei a Deus.» Pergunto: qual é a melhor tradução?**

É evidente que, na tradução brasileira, os tradutores não tiveram perfeita clareza quanto ao sentido do versículo. Job estava em grande aflição quando pronunciou aquelas palavras. A doença consumia-lhe o corpo e as suas palavras exprimem uma fé que se ergue acima das condições em que se achava. No versículo 25 diz: «Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim Se levantará sobre a Terra». Job queria dizer com isto: Quando o meu Redentor se erguer para vingar a minha causa, embora esta carne esteja completamente destruída, mesmo assim hei-de vê-lo.

O poder da ressurreição dar-lhe-ia um corpo imortal tão claramente prometido na Palavra de Deus; e mesmo que tivesse de morrer, e o corpo que então possuía fosse destruído pelos vermes, o infinito poder do grande Criador concederia a Job a vida e a imortalidade.

Se Considerarmos o texto da Versão Brasileira à luz de outros passos claros, sobre o assunto, desaparecerão as dificuldades; Job protesta que, para a sua existência, não dependia da carne que então possuía, mas sim, apenas, do poder do grande Redentor.

— **«Já dei, várias vezes, o meu sangue e também já recebi uma transfusão. Ora, recentemente, li num opúsculo que «a transfusão constitui uma transgressão da Lei divina» e, por consequência, não deve ser recebida.»**

Um certo movimento religioso, servindo-se de vários passos da Bíblia, como, por exemplo, do Levítico 17:10, 13, 14; do Deuterónimo 12:23; de I Samuel 14:32, 33; de Actos 15:20, 28, 29, diz que dar ou receber sangue é um pecado, uma violação da Lei divina.

O ponto fraco desta interpretação está em confundir **duas coisas diferentes**. As proibições bíblicas relativas à questão do sangue, dizem respeito **todas elas** ao sangue **animal**, ao passo que as transfusões são feitas com sangue **humano**.

Esta confusão (porque a palavra «sangue» é a mesma nos dois casos), recorda a aplicação que certos autores fazem do mandamento «não matarás», aos animais e aos insectos. De facto, o sexto mandamento é um preceito moral que não se aplica senão nas relações humanas. Assim, enquanto alguns autores estendem à criação animal um mandamento que se dirige aos homens, outros, por sua vez, tomam um mandamento que se dirige ao sangue animal e aplicam-no ao sangue humano. Chega-se, assim, a conclusões absurdas, quando se dá aos textos bíblicos uma interpretação abusiva.

Porque é que a Bíblia proíbe aos homens consumir sangue animal? Por duas razões:

1. — O Levítico 17:11 declara que o sangue é a vida. O sangue é, efectivamente, uma das manifestações da vida. O sangue dos animais oferecidos em sacrifício — o versículo 10 fala do sangue de qualquer espécie — simbolizava a vida que era tirada por causa do pecado. Deus declara aos Israelitas que Ele escolheu o sangue espalhado sobre o altar para servir de expiação pelo perdão dos pecados (versículo 11). O sangue animal tinha, portanto, **uma implicação religiosa, sacrificial**. Deus nunca deu, em parte alguma, um tal significado ao sangue humano. Nunca ordenou sacrifícios humanos. (Ver Jeremias 19:5).

2. — Porque o sangue dos animais foi proibido como alimento, quando Deus permitiu aos homens que comessem carne (Génesis 9:4); deste modo, podemos pensar que tal ordem divina contém, também, **uma medida sanitária**: O sangue é veículo dos detritos e dos micróbios, assim como dos elementos necessários para a vida da célula.

Que pensar, então, acerca do **sangue humano**?

Anatomicamente, o sangue é um tecido. Uma transfusão de **sangue humano** para um outro ser humano não é coisa mais contrária segundo a Sagrada Escritura, do que uma transplantação da córnea ou de um rim. Umas e outras são transplantações de tecido humano para um ser humano.

O apóstolo Paulo declara que os crentes da Galácia ter-lhe-iam dado os seus próprios olhos (Gálatas 4:15). Este entusiasmo de compaixão não implica que tais pessoas teriam pecado se tivessem podido contribuir daquela maneira para a cura do apóstolo.

Longe de ser um pecado, a dádiva do seu sangue para uma transfusão para uma pessoa em perigo é uma maneira positiva de cumprir o sexto mandamento, favorecendo, assim, a vida do nosso próximo.

As transfusões de sangue têm permitido salvar milhares e milhares de vidas humanas, conservando-as para as suas famílias, para a sociedade e para a Igreja. É uma falsa interpretação das Escrituras pensar e ensinar que se presta honra a Deus, quando recusamos dar uma parte do tecido humano para salvar a vida dos outros.

★ A Rádio Mundial Adventista, com sede em Lisboa, actualmente transmitindo para toda a Europa a partir do emissor de Sines, transmitirá em breve também com um novo emissor instalado na Ilha de Malta, com programas dirigidos à Europa, à África e ao Médio Oriente.

★ Realizou-se em Paris um Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar destinado ao pessoal da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico e da UNESCO. Foi dirigido em inglês pelo Dr. Waine McFarland e pelo pastor S. L. Folkenberg, no passado mês de Fevereiro.

★ M. Braff, presidente da Missão de Cabo Verde, relata que o irmão G. Carbone baptizou 12 pessoas na Ilha Brava e que ele próprio baptizou 3 na cidade da Praia, capital do arquipélago.

★ A Espanha relatou 235 baptismos em 1974. Há planos para enviar em 1975 colportores-evangelistas para as seguintes cidades onde não temos membros de igreja: León, Huesca, Córdoba e Palma de Maiorca.

★ Teófilo Ferreira, presidente da Missão de Israel, tem estabelecido valiosos contactos com a população árabe, organizando lições de francês duas tardes por semana. A classe é dirigida pela sua esposa, que ensina 40 alunos. Estes compram livros religiosos e fazem muitas perguntas acerca da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

★ Palle Olsen, obreiro em Israel, está dando lições de inglês na parte oriental de Jerusalém e também em Ramallah, uma aldeia árabe onde vive o nosso jovem evangelista Francis Saliba.

★ Há também planos para abrir uma pequena escola primária na cidade de Belém, no próximo mês de Setembro.

★ Iniciou-se em Atenas, para benefício dos nossos obreiros gregos, um curso especial de Bíblia, Espírito de Profecia, Inglês e Grego. Quatro obreiros estão presentemente aproveitando os recursos deste seminário ainda rudimentar.

★ O pastor J. M. Phipps, dos Estados Unidos, está a dirigir uma grande campanha de evangelização na zona sul da cidade de Viena, auxiliado pelos obreiros austríacos locais e por um sobrinho que contribui com o talento da música. O pastor Knott, presidente da União Suíça, tem a seu cargo a tradução. A assistência mantém-se num número regular de 200 visitantes, não-adventistas. Particularmente a juventude de Viena tem manifestado um interesse especial nesta campanha.

★ O governo argelino reconheceu recentemente a Igreja Adventista do Sétimo Dia, concedendo a autorização oficial para exercer actividade naquele país. Temos presentemente ali um certo número de membros baptizados e vai ser enviado imediatamente um obreiro que possa falar a língua árabe, para cuidar dos crentes e dirigir a igreja na Argélia.

★ A República do Congo acaba de reconhecer a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi uma resposta às muitas orações elevadas ao Céu em toda a União da África Equatorial e será uma fonte de ânimo e coragem para o nosso missionário pioneiro que ali trabalha, Jean Kempf.

★ O relatório estatístico de 1974 regista para a nossa Divisão Euro-Africana um total de 211 552 membros, espalhados por 2 600 igrejas. O número acrescentado durante o ano passado foi de 18 217, o que corresponde a 119% do alvo que havia sido fixado.

★ Apesar da crise económica europeia, as vendas de literatura na nossa Divisão aumentaram em cerca de 16%, atingindo uma soma superior a 125 000 000\$00. A União de Angola teve um aumento de 64%.

★ No dia em que o seu nome era motivo especial de oração, o colportor-evangelista Karl Hierser, na Áustria, vendeu mais livros do que em qualquer outro dia em toda a sua experiência. O seu record foi de 4 jogos completos de «Histórias Bíblicas» (40 volumes), 5 volumes separados da mesma série e vários outros livros.